

INVENÇÕES E INTERVENÇÕES CIBERCULTURAIS: POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

LEILA SANTOS DE SANTANA*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

<http://orcid.org/0000-0003-0646-2938>

LUCIANA VELLOSO DA SILVA SEIXAS**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

<http://orcid.org/0000-0002-6832-4189>

RESUMO

Neste artigo, temos como objetivo central compreender as possibilidades de potencializar o processo de aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA), considerando o contexto cibercultural, os artefatos curriculares contemporâneos que podem potencializar os processos formativos e de que maneira a inserção de diferentes ambiências formativas pode enriquecer o processo de formação dos alunos dessa modalidade. Utilizamos como metodologia a pesquisa-formação na cibercultura (SANTOS, E, 2019) considerando os cotidianos (ALVES, N., 2019) que nos formam e informam, com uma abordagem multirreferencial (MACEDO, 2012), que nos permitiu tecer, interpretar e ter uma compreensão mais complexa e inteligível, das práticas e as narrativas que emergiram desse contexto. Para tanto, trouxemos a propositura de dois atos de currículo, atividades desenvolvidas com e pelos praticantes, a partir das quais nos foi possível observar a importância do desenvolvimento na escola, como ambiente presencial de aprendizagem, de outros letramentos além do escolar, multiletramentos (ROXO, 2013; STREET, 2014; SOARES, 2009), no enriquecimento do processo formativo, potencializado pela ampliação dos 'espaçostempos' de aprender com a utilização de artefatos tecnológicos (*smartphone*) e do *WhatsApp*, como ambientes virtuais de aprendizagem, autorias e ainda, produções existentes nas redes em decorrência da cibercultura, na relação cidade e ciberespaço. Compreendendo, assim, a importância de ressignificar e descobrir novos usos, promover a socialização, mesmo entre pessoas geograficamente distantes,

* Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FEBF- 2019); Membro do EduCiber, Grupo de pesquisa em Educação e Cibercultura. Pós-graduada em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica - Universidade Gama Filho (UGF-2014); Graduada em Pedagogia (UGF- 1993). Professora da Rede Municipal de Duque de Caxias e da Rede Pública da Cidade de Nova Iguaçu. Advogada inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil.

** Professora Adjunta no Departamento de Ciências Sociais e Educação (DCSE) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Também atua como docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ) em Duque de Caxias. Foi contemplada com bolsa do Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística – Prociência UERJ (2022-2025). Líder do Grupo de Pesquisa “Sociabilidades, Cibercultura e Educação” (SoCib), Integrante do Comitê Científico do GT 16, Educação e Comunicação, da ANPED.

buscando a dialogicidade e interatividade, com vistas ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que ampliem as possibilidades, o olhar e a formação de alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-chave: Pesquisa-Formação na Ciberultura; EJA; Cotidianos; Sociabilidades; Multiletramentos.

ABSTRACT

INVENTIONS AND CYBERCULTURAL INTERVENTIONS: POSSIBILITIES OF ONLINE EDUCATION IN YOUTH AND ADULT EDUCATION

In this article, our main objective is to understand the possibilities of enhancing the learning process in Youth and Adult Education (EJA), considering the cybercultural context, the contemporary curricular artifacts that can enhance the training processes and how the insertion of different environments training courses can enrich the training process of students in this modality. We used as a methodology the research-training in cyberculture (SANTOS, E, 2019) considering the daily lives (ALVES, N., 2019), which form and inform us, with a multi-referential approach (MACEDO, 2012), which allowed us to weave, interpret and have a more complex and intelligible understanding of the practices and narratives that emerged from this context. To this end, we brought the proposal of two acts of curriculum, activities developed with and by practitioners, from which it was possible to observe the importance of development at school, as a face-to-face learning environment, of other literacies besides school, multiliteracies (ROXO, 2013; STREET, 2014; SOARES, 2009), in the enrichment of the training process, enhanced by the expansion of the 'space-times' of learning with the use of technological artifacts (smartphone) and WhatsApp, as virtual environments for learning, authorship and also, productions in the networks as a result of cyberculture, in the relationship between city and cyberspace. Understanding, therefore, the importance of resignifying and discovering new uses, promoting socialization, even among geographically distant people, seeking dialogicity and interactivity, with the intention to help the development of pedagogical practices that expand the possibilities, the look and the formation of Education students of Youth and Adults.

Keywords: Research-Training in Cyberculture; EJA; daily life; sociabilities; Multiliteracies.

RESUMEN

INVENCIONES E INTERVENCIONES CIBERCULTURALES: POSIBILIDADES DE LA EDUCACIÓN EN LÍNEA EN LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS

En este artículo, tenemos como objetivo central comprender las posibilidades de potenciar el proceso de aprendizaje en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), considerando el contexto cibercultural, los artefactos curriculares contemporáneos que pueden mejorar los procesos de formación y cómo la inserción de diferentes ambiciones formativas puede enriquecer el proceso de formación de los estudiantes en esta modalidad. Utilizamos como metodología

la investigación-formación en cibercultura (SANTOS, Y, 2019) considerando la vida cotidiana (ALVES, N., 2019), que nos forman e informan, con un enfoque multirreferencial (MACEDO, 2012), que nos permitió tejer, interpretar y tener una comprensión más compleja e inteligible de las prácticas y narrativas que surgieron de este contexto. Con este fin, trajimos el propósito de dos actos de currículo, actividades desarrolladas con y por los profesionales, a partir de los cuales pudimos observar la importancia del desarrollo en la escuela, como ambiente presencial de aprendizaje, de otras alfabetizaciones además de la escuela, multialfabetizaciones (ROXO, 2013; CALLE, 2014; SOARES, 2009), en el enriquecimiento del proceso de formación, potenciado por la expansión de los ‘spacetempos’ de aprendizaje a partir del uso de artefactos tecnológicos (smartphone) y WhatsApp, como entornos virtuales de aprendizaje, autoría y también, producciones existentes en redes debido a la cibercultura, en la relación entre ciudad y ciberespacio. Así, comprender la importancia de resignificar y descubrir nuevos usos, promoviendo la socialización, incluso entre personas geográficamente distantes, buscando la dialogicidad y la interactividad, con miras al desarrollo de prácticas pedagógicas que amplíen las posibilidades, la mirada y la formación de los estudiantes de Educación de Jóvenes y Adultos.

Palabras clave: Investigación-Formación en Cibercultura; EJA; Cotidiano; Sociabilidad; Multialfabetizaciones

[...] minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas *sujeito* da história” (grifo nosso) (PAULO FREIRE, 2015, p. 53)

INSERINDO-SE NAS REENTRÂNCIAS E EXPERIENCIANDO: INTRODUÇÃO

Esse artigo, escrito na perspectiva de uma pesquisa-formação multirreferencial na cibercultura, em congruência com a abordagem das pesquisas com e nos cotidianos, objetiva compreender as possibilidades de potencializar o processo de aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA), considerando o contexto cibercultural no qual estamos inseridos, trazendo assim, as experiências cotidianas e reflexões ‘*docentesdiscentes*’¹.

1 Adotamos, nas pesquisas com os cotidianos inspiradas em Nilda Alves, que “precisamos criar para compreender a tessitura de ‘*conhecimentossignificações*’ nas múltiplas redes educativas que formamos e que nos formam. Por esse motivo, preferimos escrever as palavras – que aprendemos dicotomizadas com os modos hegemônicos de pensar e escrever – desse modo, juntas, em itálico e entre aspas

Ressaltamos que abordaremos as faltas ou ausências que, por vezes, caracterizam a periferia de Duque de Caxias, município do Estado do Rio de Janeiro, campo onde a pesquisa foi desenvolvida, entre tantos outros, mas queremos, precipuamente, buscar o entendimento de quais artefatos curriculares contemporâneos podem potencializar os processos formacionais na EJA? E ainda, de que maneira, a inserção de diferentes ambiências pode enriquecer o desenvolvimento formacional desses alunos, no contexto da cibercultura?

Iniciamos com a lembrança de que as questões vividas há tempos, os acontecimentos², nos impelem a romper, subverter regras ou entendimentos estabelecidos, nos autorizando a novos e possíveis caminhos a serem percorridos. Por isso, a relevância de refletir sobre as urgências ocasionadas pela pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), a necessidade

simples, para mostrar os limites dessa maneira de pensar herdada e indicando que buscamos criar outros modos de ‘*praticasteorias*’. (ALVES, 2019, p.15).

2 MACEDO, Roberto S. **A pesquisa e o acontecimento:** compreender situações, experiências e saberes acontecimentais. Salvador: EDUFBA, 2016.

de agir de outro ponto, com um novo olhar e práticas docentes ressignificadas, sobretudo, no que tange às peculiaridades existentes na Educação de Jovens e Adultos.

E nesse cenário, vale destacar que o texto apresentado é escrito em momento distinto do qual a pesquisa foi desenvolvida. Em uma outra conjuntura, antes das urgências de novas maneiras de pensarmos e fazermos a prática docente. Todavia, sob a influência das invenções e criações cotidianas no contexto pandêmico, como as compartilhadas por (AUTOR), que oportunizaram, para alguns docentes, outras maneiras de vivenciar o momento como a pandemia, o imprevisível, um acontecimento que atravessa e interfere nos cotidianos, determinando mudanças e adequações ao tempo vivido, outras descobertas e respostas aos desafios contemporâneos.

É importante, sempre, salientarmos onde estamos inseridos no mundo, nossas percepções sociais, a criticidade que nos diferencia e permite o enredar de relações que nos inspiram, para que juntos, possamos propor ações. Sujeitos que lutam quando se deparam com situações, mesmo que momentaneamente paralisantes, todavia, procuram alternativas para compreender e adaptar-se ao tempo vivido, aos desafios, às regras do jogo por ele imposto.

Alternativas para uma escola que, mesmo antes da necessidade de aproximar pessoas geograficamente dispersas, tendo em vista a imposição do distanciamento físico, de acordo com Nóvoa (2019), já carregava o peso de uma crise, agonizava com a falta de sincronia com o tempo vivido e seguia sedenta de mudanças.

Desse modo, uma escola “[...] inadapta às circunstâncias do tempo presente, como se ainda não tivesse conseguido entrar no século XXI, certo que há muitas promessas do passado ainda por cumprir, a começar pelo compromisso de uma escola pública de qualidade para todos.” (NÓVOA, 2019, online). E ainda, articulando com a antiga forma de pensar de Pretto (2013,

p.30), pensar em uma educação que se articule com a cultura, com as diferentes formas de se comunicar, com a ciência e a tecnologia.

A reflexão sobre a escola caracterizada por Nóvoa (2019) desperta o pensamento para duas questões: a docência, suas aptidões e conhecimentos para atuar nas circunstâncias e demandas do tempo presente, o que direciona nosso olhar para a necessidade de nos adaptarmos e reinventar no mundo e no contexto sociocibercultural. Por outro lado, a de experimentar, buscar as brechas, estudando e propondo ações concretas, possibilidades para que uma quantidade maior da população, independente de poder aquisitivo e estigmas que lhes são atribuídos, tenham acesso a uma formação escolar de mais qualidade e que atenda a demandas pessoais, sociais e as do mundo do trabalho.

Nesse sentido, na EJA, é relevante pensar no papel exercido pela educação e a responsabilidade social do professor, que precisa estar atento às peculiaridades e necessidades desses praticantes, ao cenário, que mostra o declínio da população operária e ampliação do desemprego. Desses estigmas que recorrem sobre eles que lhe rouba oportunidades de participação, desenvolvimento de potencialidades e agregar conhecimentos.

Temos o entendimento que a cibercultura se trata da cultura contemporânea estruturada pelo uso das tecnologias digitais em rede, na cidade e no ciberespaço (SANTOS E., 2019), a partir das quais passamos a ver outras formas de ser, estar no mundo e nele se manifestar. Primeiro com os computadores, a internet e, posteriormente, com a Web 2.0. Tendo em vista que a sociabilidade por meio das redes sociais é ampliada, concomitantemente a capacidade de comunicar-se, por aumentar o compartilhamento de mensagens, a partir da liberação do polo emissor (LEMOS, 2002). Aprofundaremos tal discussão mais adiante neste artigo.

Quantos, de nós, se excluem dessa realidade? Vivemos um contexto no qual a presença das tecnologias está nos cotidianos, inclusive

escolares, nos quais ainda identificamos a presença do analfabetismo, bem como reflexos das desigualdades econômicas e sociais. Portanto, nesse ponto, relevância em discutirmos a formação, atuação e atualização docente, frente a existência das tecnologias de informação e comunicação, diante dos inúmeros desafios e possibilidades no processo de 'aprenderensinar' (ANDRADE, CALDAS E ALVES N., 2019).

Imprescindível destacar, para ajudar na

compreensão que a proposta de trazer a tecnologia em rede à sala de aula contemporânea, no trabalho com os cotidianos, não significa considerar que ela resolve ou resolverá, por si só, todas as questões escolares e sociais que influenciam o processo formacional e suas diferenças, ou a existência de desigualdades socioeconômicas, culturais e na composição do ecossistema e estrutura escolar e para tanto, trazemos a charge abaixo.

Figura 1 – Charge Brasil – Um país de contrastes....



Fonte: CAZO, 2012³.

Pensando, ainda a partir da imagem acima e do ato de observarmos os cotidianos, a alfabetização não é pré-requisito para fazer uso das tecnologias digitais, das redes sociais. Assim, é essencial mencionarmos que não alfabetizados, alfabetizados, letrados ou não, estão na grande rede formada pela *internet*, aptos a formar ou compor *filterbubbles*, casulos formados a partir de

algoritmos, moldadas com base em nossas escolhas nos ambientes virtuais, mesmo que inconscientemente.

Corroborando com o pensamento de Freire (2009) e Rojo (2009), quando afirmam que o sujeito alfabetizado, ou leitor, não é aquele que apenas reconhece as letras ou ainda, decodifica os seus sons, pois essa qualidade requer o desenvolvimento da criticidade, da capacidade de dialogar com o texto ou contrapô-lo, interpretando e opinando.

Para um melhor entendimento das ações

3 CAZO, 2012. Site do Humor Político. Disponível em: <https://www.humorpolitico.com.br/admin/brasil-pais-dos-contrastes/>

necessárias para alcançar o *status* de alfabetizado, Rojo (2009) elaborou o quadro abaixo,

ressaltando algumas das diferenças existentes entre o ato de ler e escrever:

Quadro 1 - Letramento envolvido no conceito de alfabetismo

LER	ESCREVER
Decodificar	Codificar
Compreender	Normatizar (ortografias)
Interpretar	Comunicar
Estabelecer relações	Textualizar
Situar o texto em seu contexto	Situar o texto em seu contexto
Criticar, replicar	Intertextualizar

Fonte: Rojo (2009, p. 45)

Pesquisar a temática significa preocupar-se com o crescimento no acesso às redes, apesar das dificuldades atreladas a ele. É preocupar-se com o perfil do usuário, com seu grau de escolaridade (SANTAELLA, 2013) e capacidade crítica, pois o letramento digital, por exemplo, é um elemento do contexto de uma alfabetização múltipla e consiste em favorecer aprendizagens sobre a tecnologia digital e as linguagens também como ferramenta de uma mudança ou transformação social (WEBER, SANTOS, DA CRUZ, 2014).

No que concerne às questões sociais do uso da leitura e da escrita, o letramento está em uma posição mais destacada que a alfabetização (SOARES, 2009) e, como reitera Santaella (2013), o processo de letramento digital está além da inclusão digital, pois não basta acessar a tecnologia, é necessário que, em diferentes ambiências formativas, esse acesso seja qualificado e/ou aprimorado.

Desse jeito, ressaltamos a importância do docente, muito mais do que, relacionar o *'dentrofora'* da escola, mas acima de tudo, desenvolver a prática em outra(s) ambiência(s) de aprendizagem, que inspirem autorias e produções coletivas (SANTOS. R, 2015). Assim, um tempo no qual a formação para docência contemporânea se alia às emergências ciberculturais que podem ser mediadas, nos

cotidianos, pelas tecnologias digitais em rede (SANTOS, E. 2019).

Com a motivação que somente o exercício da prática docente entende, apurar a formação pessoal, profissional, além de ética, segue o prisma de uma perspectiva relacional de modo que possamos ser pesquisadores de nós mesmos, para compreender as transformações necessárias para o exercício dessa docência.

Na medida em que essa possibilidade de se auto-observar e refletir sobre si, é indispensável para o movimento de resignificação, vamos ampliando nossa visão de mundo e compreensão das novas relações que se tecem, por meio do digital em rede, que já eram presentes durante a realização da pesquisa, mas se intensificaram e mediaram socialidades durante a pandemia.

Nessa perspectiva, para o *'professorpesquisador'*, além da intencionalidade de formar o outro, há a de formar-se a si mesmo, por meio de um processo de reflexão acerca de seus percursos pessoais e profissionais com a autoformação. Formar-se nas relações com os outros, com a heteroformação, e ainda, por meio das coisas, saberes, técnicas, culturas, artes, tecnologias, entre outros, aliadas a compreensão crítica que é a ecoformação, como pontua Pineau (1988). Desse modo, colocando-se no

papel de intervir e desenvolver novas práticas, *'saberfazer'*, ousando e inventando outras formas de *'aprenderensinar'*.

Marcando o tempo do qual falamos e como pensamos, nossos atravessamentos e inquietações é que buscamos compreender e estruturar nosso artigo. No primeiro deles mostraremos a "ousadia de inventar outras formas de intervir", alternativas de subverter o instituído e mediar os processos formacionais, propondo atos de currículo e percursos construídos com os praticantes, os engendramentos teóricos-metodológicos do estudo.

Já no segundo, "contemporâneas formas e possibilidades de *'aprenderensinar'*", apresentamos os artefatos tecnológicos ressignificados ciberculturais utilizados para desenvolver multiletramentos. Para tanto, traremos duas das atividades propostas, as narrativas que emergiram no caminhar da pesquisa, seus sentidos e significações.

E no último, após termos mergulhado com todos os sentidos nos cotidianos e nas experiências vivenciadas, apresentaremos a importância de "ressignificar e recomeçar, sempre", no movimento de refletir sobre as descobertas, suas implicações na forma da aquisição do conhecimento e nas relações sociais dos praticantes da Educação de Jovens e Adultos, potencializadas pelas tecnologias digitais em rede.

1. OUSADIA DE INVENTAR OUTRAS FORMAS DE INTERVIR

No desenvolvimento de uma pesquisa, a implicação com o campo e com os praticantes da pesquisa ressalta o nosso vínculo com a mesma, bem como demonstra como aprendemos e, por conseguinte, nos formamos. Ousamos experimentar, desenvolver o pensamento epistemológico e criar saberes. Mencionamos Freire e Shor (2011), que em suas conversas tratam de temas que nos são caros, como da importância de nos tornarmos educadores libertadores que pensam a mudança social,

temamos os riscos da transformação; método dialógico de ensino e pedagogia situada.

O trecho que se refere ao que eles denominam educador libertador busca uma atmosfera de camaradagem em suas aulas, não mantém o monopólio de objetivos e conteúdo. Ele está com os alunos ao invés de lhes trazer algo pronto de antemão. É um ato conjunto de conhecimento, pois como indica Freire, e com ele concordamos, o ato cognoscente implica paixão e é impossível viver sem ela (FREIRE e SHOR, 2011, p. 281).

Desse jeito, sustentados pelo paradigma da complexidade (Morin, 1996), buscando reorganizar e integrar, praticamos a arte de brincar os princípios da pesquisa-formação na cibercultura (SANTOS. E, 2019), que inexistente apartada do exercício da docência. Com uma abordagem multirreferencial (MACEDO, 2012), que nos permite tecer, interpretar e ter uma compreensão mais complexa e inteligível, que alinhamos à pesquisa com os cotidianos (ALVES, N., 2019), que dá ênfase às práticas e narrativas que emergem desse contexto.

Justificamos a escolha da metodologia de pesquisa por entendermos que, a pesquisa-formação multirreferencial na cibercultura com os cotidianos contempla a importância de um olhar implicado e múltiplo, das informações que estão e circulam pela rede. Ela nos permite mergulhar com todos os sentidos para compreendermos as práticas, fatos e fenômenos educativos, a partir de distintos sistemas de referências, que encadeiam conhecimentos, saberes, disciplinas da pesquisa e dos processos formacionais (MACEDO, 2020) que se sucedem nela.

Na busca por possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais em mobilidade ubíqua, considerando as limitações, mas com vistas ao desenvolvimento de diferentes letramentos na Educação de Jovens e Adultos, refletimos sobre as atividades de leitura e escrita que pressupõem a prática de procedimentos específicos que visam dar unidade ao texto e controlar o sentido do discurso.

Trabalhar nessa direção requereu implicação com um conjunto de *'fazeressesaberes'* que permitiu a compreensão do campo e dos praticantes. E nessa condição, lançamos um olhar compreensivo, tivemos uma escuta sensível, numa relação afetiva e empática *'docentediscente'*, assumindo uma lógica transversal de quem aprende com esses praticantes, materializada pelo dispositivo investigativo, formativo que possibilitou o envolvimento de um conjunto de intersubjetividades que criaram a oportunidade de reflexão e de descobertas.

As tecnologias digitais ocupam, cada vez mais, o cenário contemporâneo, mudando os cotidianos. Apesar disso, nem todos os praticantes possuíam um *smartphone* com conexão por diferentes razões, como por exemplo: a) falta de segurança, decorrente da violência; (b) dificuldade de operar o artefato; (c) falta de condições para sua aquisição ou ainda, (d) falta de conexão à *Internet*. Todos esses impedimentos, levam-nos a não comungar, na sua totalidade, com a vitalidade social contemporânea que a cibercultura pode proporcionar (LEMOS, 2002), como mostrado no trecho que segue, transcrito do diário de pesquisa.

Tecnologias digitais nos cotidianos escolares

Uma praticante, em princípio, ao ser questionada sobre não possuir o smartphone, afirmou que o celular e as funções que ele tinha a satisfiziam. Todavia, posteriormente, com os usos, as conversas sobre as postagens que aconteciam no grupo, e eram comentadas em sala, de forma a integrar todos os sujeitos, possuidores ou não do smartphone, começou a se interessar e, em um determinado dia, apareceu com o smartphone comprado pelo filho.

Fonte: Diário de Pesquisa

Concordamos, parcialmente, por entendermos que sociabilidades⁴, seguindo o pensamento de Lemos (1997) podem ser ampliadas a partir dos usos dados a tecnologia, pensando

4 LEMOS, André. **Ciber-socialidade: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Logos, v. 4, n. 1, p. 15-19, 1997. Disponível em <https://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/cibersoc.html>

em para que conectamos e que conhecimentos e significações podem fluir a partir da conexão. Reconhecendo que a inclusão digital é uma forma de democratizar o acesso às tecnologias, e que essa, pode permitir a inserção na sociedade da informação, simplificar a rotina diária, maximizar o tempo e as suas potencialidades.

Pontuando, ao seguir esse raciocínio, que essas tecnologias da informação e comunicação estão presentes nos cotidianos, inclusive naqueles inseridos no mundo do trabalho, exigindo desses, novos conhecimentos e adaptações,

Precisamos, pois falar da importância da inclusão ocasiona a necessidade de considerarmos e discutirmos as desigualdades socio-culturais e econômicas, que geram a exclusão digital que podem aumentar ou diminuir as distâncias e possibilidades sociais, pois como destacado por Garcia Canclini,

Quem não está conectado estará excluído de maneira cada vez mais intensa e variada. A brecha acirra os contrastes entre regiões, países e grupos sociais. [...]. Inversamente, quanto mais se reduz a brecha, mais avança na integração social, democracia comunicacional e igualdade de oportunidades produtivas, tanto dentro dos países quanto entre eles (GARCIA CANCLINI, 2009, p. 236-7)

Não oportunizar a interação e integração entre pessoas de diferentes grupos sociais, são formas de manter as distâncias, operar para que o pensamento e interesse hegemônico se sobreponham aos interesses sociais, forçando assim a continuidade do processo de exclusão das minorias. Essa afirmativa decorre de um olhar atento. No campo educacional vemos as escolas das Redes Privadas com diferentes propostas e na Rede Pública a dificuldade do acesso à internet.

O *smartphone*, artefato tecnológico com *status* de um dos ícones contemporâneos, no que se refere aos processos comunicacionais, mudou a relação entre as pessoas e espaços, possibilitando que o caminhar rumo ao conhecimento se faça de diferentes formas. Ele modificou modos de conhecer, fazer e estar no mundo, faz todo sentido dizer o *status* de

artefato curricular, por isso, foi eleito um dos nossos dispositivos do estudo.

Nesse movimento, junto ao *smartphone*, escolhemos o *WhatsApp*, também como dispositivo, por entendermos que a conversa, que nele se desenvolvia, tinha uma relação estreita entre a fala e a escrita por meio da oralização do texto. Além disso, o uso de estratégias conversacionais próprias da fala, na interação *online*, se alinha aos recursos próprios do ambiente no qual essa interação ocorre, potencializando processos colaborativos, dialógicos, interativos e autorais, contribuindo para a tessitura do conhecimento, de forma coletiva, em um processo de aprender e ensinar com o outro.

Partindo do princípio que o objetivo era propiciar a livre escrita de palavras e produção de texto, formulamos algumas regras para que utilizássemos o Espaço de Troca, grupo criado no *WhatsApp*, e uma consistia em tentar não enviar mensagens de áudio e compartilhar *emojicons* em respostas.

Contudo, a narrativa de um dos praticantes, exemplifica como a oralidade está presente no desenvolvimento do letramento escrito, sendo possível acompanhar seu desenvolvimento nas mediações feitas por meio das tecnologias digitais em rede, mesmo que numa interação assíncrona.

Praticante: *Estou aqui em casa com minhas filhas igual a uma boba. Mostrando pra elas meu caderno, meus 'certos' e elas estão me ensinando como mandar mensagens pelo 'zap'. Eu ainda não consigo escrever, mas estou conseguindo mandar a mensagem de áudio.*

Fonte: Diário de Pesquisa

No entanto, Santaella (2003) nos alerta e ajuda na compreensão da importância desse movimento, quando nos explica que na contemporaneidade, conseguimos viver uma confraternização com diferentes formas de comunicação e cultura, na qual a oralidade está presente, de forma indiscutível, com uma multiplicidade de manifestações com as mídias, com a cibercultura na qual estamos imersos.

Podemos compreender que falar das experiências vividas permite ao indivíduo construir e materializar o conhecimento a partir de fragmentos autobiográficos e das coisas que lhe são significativas por meio do corpo, que gera histórias, desta ou de outras vidas. Possibilita que olhe além de si mesmo, vivencie a singularidade e a importância do viver/conviver consigo e com os outros, num processo formacional.

E mais, que uma linguagem multimodal, pensando nas mensagens de áudio e *emojicons*, que consolida com a utilização simultânea de vários meios e formas (gestos, fala, escrita e leitura, imagem e outros) com muitas possibilidades e usos, tendo em vista a multiplicidade de recursos do *smartphone*, como artefato tecnocultural (SOARES e SANTOS, 2012).

Figura 2 – Montagem: Usos dos *smartphones*, das tecnologias, no processo formacional.



Fonte: Arquivo autoral

No estudo, estabelecemos etapas como conversar com os praticantes, expor os atos de

currículo pensados e que seriam praticados; explicamos que as atividades seriam propostas em diferentes ‘*espaçostempos*’ de aprender, ambiências formacionais, utilizando o *WhatsApp* como interface ou nos encontros presenciais, seria registrado e analisado, buscando, em cada uma, o sentido e significações.

Outro aspecto a ser ressaltado é que a interação buscando dar continuidade ao processo de formação com o uso da tecnologia digital em rede, foi gradativamente sofrendo alterações decorrentes da auto e heteroavaliação do processo, no que tange às suas regras, usos e possibilidades, marcando assim, que os cotidianos, as narrativas constituem fontes de densa interpretação, como sempre salientado por Alves N (2019). a serem compreendidas de forma intercrítica, sob diferentes perspectivas e buscando incentivar as autorias⁵ discentes.

2. CONTEMPORÂNEAS FORMAS DE ‘APRENDERENSINAR’

A introdução das tecnologias digitais em nossas atividades cotidianas, determinou significativas mudanças, porque seus usos foram perdendo o caráter individual, ante a percepção do seu alcance social, suscitando que emergirem diferentes fenômenos ciberculturais, objeto de estudo de pesquisadores como Lemos (2002), Santos E. (2006) e Santaella (2013). Fenômenos decorrentes da liberação do polo emissor ou da ressignificação dos usos, seja pela força da cultura das massas, que expõe livremente sua maneira de pensar, ou ainda, pelo poder da sociedade se manifestar e viralizar suas criações.

Essas reflexões apontam para um aspecto fundante do nosso artigo, o desenvolvimento de letramentos. Se por um lado, inicialmente, docentes mediam os processos de construção do letramento escolar, contemporaneamente

tomamos consciência de que esse é o fim que decorre de outras tantas iniciados nos cotidianos ou talvez, esteja entremeado por outros letramentos (multiletramentos) que conduzem o processo formacional decorrente de uma aprendizagem significativa, que culmine no exercício de uma cidadania plena.

A noção de multiletramentos, disposta nesse estudo, aponta para ao menos duas práticas de letramento que comportam: a *multiplicidade de linguagens*, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e a *pluralidade e a diversidade cultural*, trazidas pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação (ROJO, 2012). Para a autora:

[...] trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação, mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos (ROJO, 2012, p.8).

Esse pensamento de Rojo, que coaduna com o de Cope e Kalantzis (2006), exige uma epistemologia e pedagogia que numa perspectiva crítica, considere a diversidade local e a proximidade global. Multiletramentos, verbais ou não verbais, são interativos e colaborativos, fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, principalmente, àquelas de propriedade das máquinas, das ideias, dos textos e das ferramentas, sendo ainda, convergentes, fronteiros e mestiços de linguagens, modos, mídias e culturas, como assevera a autora.

Assim, propusemos aos praticantes diferentes atividades que consideraram a pluralidade cultural, as especificidades desses praticantes, seus cotidianos, a heterogeneidade da turma e o contexto vivido, do qual não vemos sentido, nos reconhecendo como seres sociais e sedentos de socialidades, apartar desse processo as tecnologias que apresentam possibilidades de agregar conhecimentos à formação.

5 AMARAL, Mirian M. **Autorias docente e discente:** pilares de sustentabilidade na produção textual e imagética em redes educativas presenciais e *online*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro, 2014.

Ouvimos de uma praticante, e expomos abaixo a narrativa da mesma sobre uma conversa que teve com o seu chefe sobre um candidato que dizia estar assumindo o compromisso de acabar com as mamatas.

Praticante:

Meu chefe veio conversar comigo achando que ia me vencer a mudar meu voto. Falei nada; fiquei quieta, disse a praticante, mas pensou “a mamata vai acabar!”

Fonte: Diário de Pesquisa

Esse pensamento, repetidamente compartilhado em diferentes redes sociais, como também podemos incluir o *WhatsApp*, deixa clara a necessidade de investirmos no letramento político de jovens e adultos, com vistas a auxiliá-los na busca pela apropriação de saberes, práticas, conhecimentos para aprimorarem o processo de discernir as questões, identificar as falsas notícias e formular argumentos para contradizê-las.

Esse processo, acima tipificado, pode encaminhar o conhecimento de valores que levarão a ações e práticas mais democráticas (COSSON, 2015, p. 81), ao letramento político exercitado nos cotidianos escolares, mas que possam reverberar na conduta em outros cotidianos nos quais estamos inseridos. Com esse fim, aconteceu a simulação para ampliar esses conhecimentos políticos e desenvolver outras formas de interagir.

2.1 E se você fosse o candidato? Simulando: ampliando conhecimentos e desenvolvendo novas formas de se comunicar

Na primeira atividade, ainda vivenciando o contexto das aulas presenciais, percebemos a necessidade da compreensão do papel de cada um dos três poderes, e por conseguinte, a importância de cada cidadão na escolha dos representantes do poder legislativo e executivo.

Assim, começamos instigando os alunos a se manifestarem no grupo criado no *WhatsApp* sobre o Brasil que eles desejavam.

Figura 3 – O Brasil que eu quero



Fonte: Arquivo autoral

Se por um lado recebemos como resposta, um meme criado na época, que assevera as mudanças na forma de comunicar motivada pelo uso das tecnologias digitais em rede⁶, percebemos como experimentar a ambiência online para fomentar a discussão, permite diferentes formas de manifestação e propositura de diferentes gêneros textuais. As diferentes respostas aguçaram a relevância em discutir, mais profundamente, a temática suscitada, pois poderiam ter uma significativa aplicabilidade no desenvolvimento tanto do letramento crítico, como no letramento político.

Por esse ângulo tornou-se, ainda mais, importante o diálogo com os praticantes desses

⁶ AUTOR. LER É UM ATO POLÍTICO: MULTILETRAMENTOS EM CONTEXTO DE CENSURA LITERÁRIA. *EDUCAÇÃO*, 8(2), 271-284. Disponível em <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n2p271-284>

'*espaçostempos*' sobre suas práticas sociais, nas várias redes socioeducativas que habitam, com suas narrativas, fruto de reflexões sobre as ações que produzem. Como afirma Calvino (1995, p. 131),

[...] quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. (CALVINO, 1995, p. 131)

Para dar conta das discussões iniciadas, seguimos a indicação dos praticantes, na medida que o cenário de polarização e sentimento de incerteza caracterizam as campanhas eleitorais. A propositura da simulação de um processo eleitoral na turma, com vistas a ampliar a participação social foi a oportunidade de criar um evento de letramento. Currículos '*pensadospraticados*' alinhados ao cenário cibercultural, engendrados para contemplar '*espaçostempos*' da vida humana, tal como as relacionadas à luta contra as desigualdades e ao exercício da cidadania.

Entendendo que a aprendizagem se realiza na e pela cultura, a discussão sobre as atribuições dos cargos dos poderes legislativo e executivo, particularmente em anos de pleito, se consolida como um ato de currículo interessante e com possibilidades formativas. O conhecimento das mesmas aflorou a indignação dos praticantes, pelo não reconhecimento das atribuições elencadas, como as que vêm sendo desenvolvidas por alguns ocupantes de diferentes cargos.

Encontrar voluntários para participar dessa atividade foi difícil, devido a proposta de gravar um vídeo como propaganda política (apesar de ter sido vista como algo interessante). Dessa maneira, ampliamos os usos do *smartphone*, da habilidade de utilizar tecnologias digitais em convergência, na produção e compartilhamento de textos autorais na rede social. O novo,

gerando o sentimento de insegurança, contrapondo-se a outras formas de ser, produzir e discutir nos cotidianos.

Optamos por focar na eleição presidencial e na primeira etapa da atividade, ainda que os marcadores de gênero fortaleçam uma cultura machista e sexista, apenas praticantes do gênero feminino se ofereceram, deixando evidente que é cada vez mais forte a presença de mulheres na EJA.

Isso nos remete ao pensamento de Freire (1987) sobre o empoderamento não como emancipação (libertação), dado que as pessoas não se libertam sozinhas, o fazem em comunhão e mediatizadas pelo mundo, mas relacionado à ação, reflexão e problematização do ser com o outro ao construir seu aprendizado pautado na criticidade, seguimos o processo com candidatas.

Em continuidade, formaram-se três duplas para que as praticantes tivessem auxílio na elaboração de um texto básico, gravação do vídeo de campanha e apresentação para a turma, fazendo a propaganda eleitoral.

Diferentemente da prática bancária que parece anestesiar os sujeitos do processo de '*aprendizagemensino*', inibindo-lhes a capacidade criadora, a educação problematizadora lhes possibilita estabelecer relações entre diferentes conhecimentos, desafiando-os a novas compreensões, convidando à reflexão e ato de desvelar a realidade, numa perspectiva crítica sobre profusão de assuntos. Em síntese, busca trabalhar a ideia do homem como agente transformador do meio em que vive e capaz de interagir com e a partir de dispositivos que lhe forem acessíveis.

A experiência oportunizou a emergência de diversas expressões de linguagem e escrita, em diferentes níveis de habilidades, conhecimentos e crenças, resultando em produções autorais das praticantes-candidatas fundamentadas em suas argumentações, improvisos e vivências. Protagonismo que pode ser visto no texto apresentado na Figura adiante.

Figura 4 – Produções autorais dos praticantes- candidatos

CANDIDATA 1	CANDIDATA 2	CANDIDATA 3
<p><i>Eu, como candidata gostaria de abrir mais creches para as mães poder trabalhar, pagar os policiais melhor e os professores, que recebem muito mal. E acabar com as filas dos hospitais que é horrível. Ver essas coisas que tão acontecendo, esses roubos. Os policiais nas ruas para dar mais um pouco de segurança para nós que estudamos a noite e chegamos tarde nas nossas casas. Temos que ter segurança.</i></p>	<p><i>Eu prometo melhorar a segurança do nosso país, pois muitas pessoas sofrem com as balas perdidas. Assim, vou melhorar a forma como os policiais entram na comunidade. Eles têm muita falta de respeito conosco. Às vezes estamos indo para a escola, e a gente não tem nada com o envolvimento do tráfico. Estamos indo trabalhar ou apenas na rua conversando e corremos o risco de tomar um tiro, sem ter feito nada.</i></p>	<p><i>Eu, quero o melhor para o meu país, mais Educação. Quero para meu povo um Brasil sem racismo e sem preconceito. Melhoria para o nosso povo. Quero melhoria de emprego e salário mínimo correto.</i></p>

Fonte: Arquivo autoral

A propositura da atividade permitiu que os praticantes assumissem uma atitude ativa como colaboradores e autores de suas produções. A apresentação dos vídeos gerou um debate bem interessante, com distintos praticantes questionando as ideias apresentadas, possibilitando, dessa forma, o desenvolvimento de diferentes letramentos (ROJO, 2013; SOARES M., 2009; STREET, 2014).

Inventar ambiências formativas é fundamental para desenvolver e mediar processos de aquisição do conhecimento, a partir também das interações entre os praticantes nessas ambiências (SANTOS, R. 2015) que consistem em espaços de aprender, numa articulação entre o físico e o virtual, sala de aula presencial ou ambientes virtuais de aprendizagem.

Podemos, ressignificando usos e compreensão, ver as redes sociais num complexo enredamento de possibilidades de reinventar processos que afirmamos serem formacionais, entendendo que a propositura não determina o alcance e nível de aprendizagem, na medida em que essa depende do praticante, concordando com a posição de Macedo (2020).

Voltando a uma fala anterior, em tempos de polarização política e *fake news*, esses temas

precisam ser discutidos para que os praticantes, alunos da EJA, aprendam a debater, respeitar o que lhe difere, participem de atividades colaborativas e compartilhem produções, como prática formacional que contribui para torná-los eleitores capazes de analisar, criteriosamente, as propostas dos candidatos e debater ideias, de forma cordial, com quem pensa diferente.

E por último, oportunizando o aumento da autoestima, na medida em que percebemos, em vários momentos do processo caracterizado pelo protagonismo dos praticantes, a oportunidade de exercerem a cidadania.

Em continuidade às práticas docentes que vão sendo tecidas, apresentamos outro ato de currículo proposto, mas em momento que exigia de todos o distanciamento físico, no qual foi criado o Ensino Remoto, que apresentou características dessemelhantes e adequações decorrentes das habilidades e táticas de cada docente, descobertas e ideias.

Especificando a prática docente desenvolvida, nesse contexto, que contou com a entrega de materiais impressos que continham as atividades a serem desenvolvidas pelos alunos, links e QRcode que encaminharam os alunos a

vídeos disponíveis no *Youtube*, previsão de dias para encontros na ambiência online. Foi nessa configuração que os alunos desenvolveram a atividade que contou com as telas, oportunizou a descoberta e ampliação de letramentos ‘*docentediscentes*’.

2.2. Entre telas, descobertas e ideias: narrativas de praticantes em ambiências formacionais online

O acontecimento da pandemia, determinou que continuássemos a nos movimentar pesquisando outras formas de nos comunicar, agora com pessoas geograficamente distantes, ambiências para aprender, formar cidadãos, críticos e reflexivos, mantendo a capacidade de compreender a sua existência a partir da relação com o mundo, a partir dos meios que têm acesso, colocando em prática a educação como prática para liberdade, como defendido por Freire.

Dessa maneira, articular a prática docente, mesmo em tempos de distanciamento físico, para assegurar possibilidades de formação do conhecimento, atento às práticas que aproximem o praticante de compor, ativamente, saberes com contemporâneas formas de falar e fazer educação.

Cabe ao docente insurgir ao estabelecido, ignorar as negativas e vislumbrar modos de fazer e pensar com os discentes, despertando-lhe a curiosidade, propondo atos de currículo que levem a indagar-se sobre o mundo, sobre as regras, sobre o futuro. Ações no processo de desafiá-los na construção autônoma de seus conhecimentos e desenvolvimento de letramentos em outras possíveis maneiras e ambiências formacionais.

O estar e morar na periferia, como acontece no estado do Rio de Janeiro, distancia seus moradores de espaços culturais, tornando-os turistas em seu estado. Dificulta que conheçam lugares que, teoricamente, são próximos, mas se tornam longínquos, por situações que caracterizam essas localidades, e por isso, não são conhecidos e visitados.

Assim, utilizando as telas dos dispositivos tecnológicos, que alguns dos alunos tinham acesso, pois também vivenciamos as adversidades decorrentes da falta do letramento digital, da precariedade no acesso à uma internet de qualidade, como discutem Pretto e Bonilla (2011), denunciando a persistente e contemporânea desigualdade nesse acesso, mas ousando descobrir outras formas de interagir, com o que conseguimos obter, significativamente, com o mundo, utilizando um ambiente virtual de aprendizagem.

É fundamental que destaquemos que o dispositivo tecnológico, usado pelos praticantes continuou sendo o *smartphone* que acentuamos que ao ser acionado com intencionalidade pedagógica, torna-se um potente dispositivo nos processos formacionais operando, portanto, como artefato curricular.

A prática docente desenvolvida, no contexto cuja proposta de intervenção contou com a entrega de apostilas impressas com conteúdo multimodal, não nos pareceu suficiente. Dessa maneira, enriquecidos pelas trocas docentes, acrescentamos ao material alguns códigos do tipo QRcode, que encaminharam os praticantes a outras leituras, ou ainda, atividades. Recursos disponibilizados que direcionaram os alunos a vídeos disponíveis no *Youtube*, ou para conhecer espaços culturais em visitas virtuais complementando e enriquecendo o processo de aprendizagem.

Incentivar os praticantes à leitura de diferentes textos sobre como a fome e a desigualdade que atinge os lares brasileiros, fez parte do desenvolvimento da atividade na qual discutimos como alguns biomas, problemas ecológicos como as queimadas e desmatamento, sob a justificativa da necessidade de uma maior produção de matéria-prima para alimentos, analisando notícias relacionadas a temática visando, sempre, o desenvolvimento de letramentos.

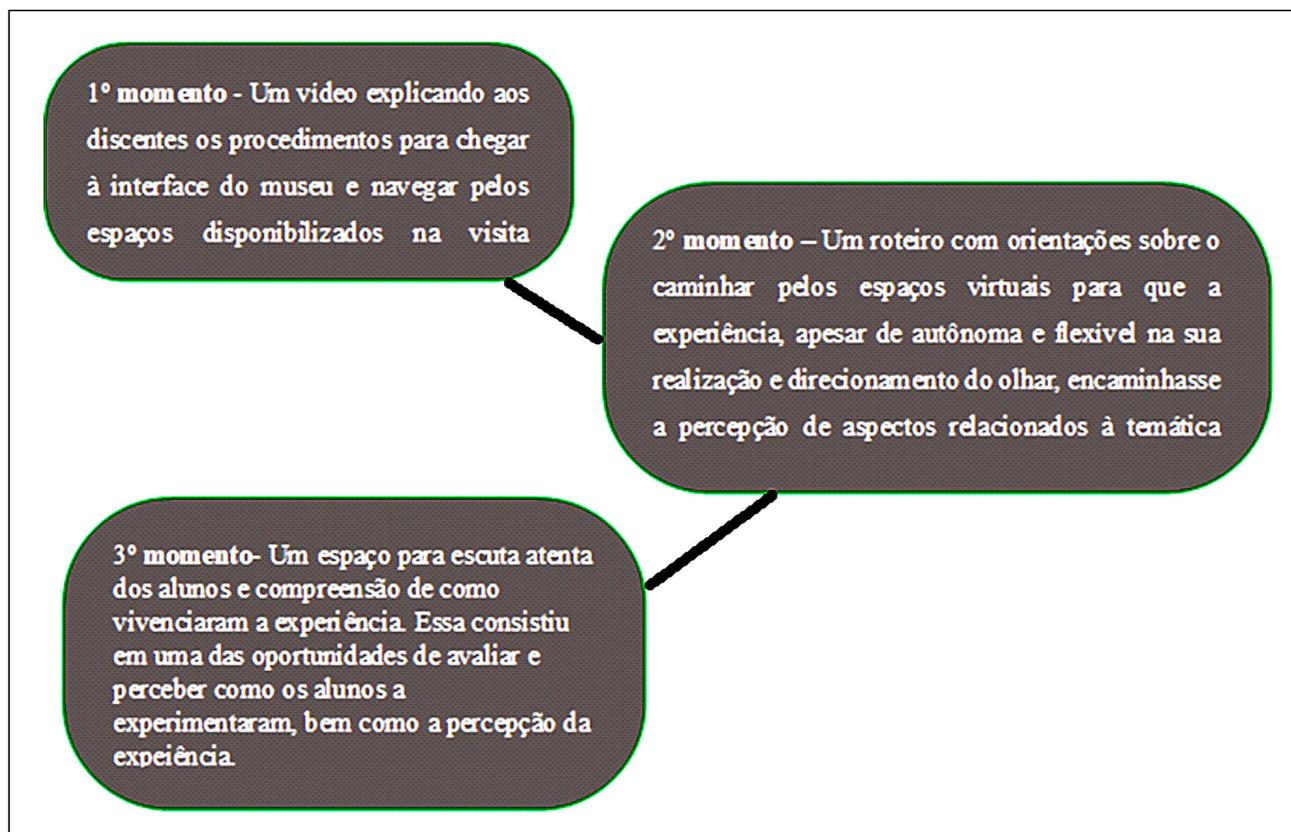
Leituras que, considerando os cotidianos escolares, devem proporcionar ao praticante a oportunidade de inteirar-se, adquirir conhe-

cimento e posicionar-se criticamente. Dessa maneira a reflexão sobre cuidados com o meio ambiente direciona a propositura de um passeio virtual pelo Museu do Amanhã, com o QR-code para acessar a exposição “Pratodomundo - Comida para 10 bilhões”, disponibilizado na apostila impressa e o *link* no grupo de *WhatsApp*, possibilitando que todos, mesmo os que

não possuíam o leitor de QRcode, acessassem o ambiente virtual.

Considerando a premissa de que estava propondo uma atividade diferente e que os alunos necessitavam de habilidades para desenvolvê-las, foi elaborado um roteiro orientando o caminhar metodológico da atividade, conforme pode ser vista na Figura 5.

Figura 5 – Sequência metodológica da atividade



Fonte: Elaboração autoral

Alguns praticantes, independente da faixa etária, considerando a composição heterogênea da turma, se entusiasmaram em vivenciar a experiência da visita virtual ao museu, narrando que pediram auxílio a parentes e para os próprios colegas de turma no processo. Os praticantes visitaram um espaço que não havia sido explorado presencialmente e todos avaliaram o dispositivo “**Entre telas, descobertas e ideias: narrativas de praticantes em ambiências formacionais online**” como experiência enriquecedora para o processo ‘*aprendizemensino*’.

A narrativa de uma praticante destacou-se entre as outras, pois trazia sentido e significado a importância de oportunizarmos atividades para o desenvolvimento dos letramentos digitais na escola e as relações estabelecidas na e a partir das potencialidades do encadeamento cidade-ciberespaço, presentes nos cotidianos.

Praticante:

Professora! Que coisa maravilhosa! Esse museu fica aqui no Rio de Janeiro e eu nunca fui nele. Que lugar lindo! E eu conheci aqui, de dentro da minha casa sem me expor a essa doença. Eu

nunca poderia imaginar que precisa de tanta comida para alimentar as pessoas e nem que se comiam tantas coisas diferentes assim. Gafanhoto? Espero que a gente consiga encontrar uma forma de equilibrar as coisas para que a comida não acabe’.

Fonte: Diário de pesquisa

Essa narrativa, e outras compartilhadas, consolidaram a certeza de que a propositura de outros atos de currículo, eventos de letramento, por meio de distintas interfaces, adequam às “habilidades perceptivas e cognitivas humanas” (SANTAELLA, 2013, p. 65) e reverberam a capacidade dos praticantes, também em potência, apreenderem e fazerem uso de diferentes recursos tecnológicos.

Dessa maneira, fazendo uso dessas relações e experiências, integrando diferentes disciplinas, os praticantes produziram seus relatos, sinalizando as marcas da linguagem oral e da linguagem escrita em um reconhecimento de suas variações. Lemke (2016) afirma que essas relações constituem o princípio da intertextualidade genérica, dado que consistem em relações que fazemos com coisas, textos, imagens e sons, com os quais nos conectamos por terem significados.

3. RESSIGNIFICAR E RECOMEÇAR, SEMPRE.

Acreditamos que o ciberespaço propicia um ambiente para o desenvolvimento da inteligência coletiva, resultante da mobilização de competências, mas também entendemos que a cibercultura não pode ser vista como a única solução de todas as questões referentes à educação e tão pouco, o mal, a inimiga do processo de aquisição e desenvolvimento do conhecimento, portanto a defendemos como uma aliada que pode potencializá-lo.

Outro ponto, importantíssimo, na abordagem com as narrativas discentes foi a discussão sobre as peculiaridades encontradas nas escritas do *WhatsApp*, pois a informalidade do dispositivo propiciou encontros, oportunizou

discussões sobre diferentes temáticas e vivência de experiências.

Refletir sobre como as experiências vivenciadas com as tecnologias digitais, em mobilidade ubíqua, pode contribuir para o letramento digital de alunos da EJA, especificamente, nos praticantes culturais, com vistas à melhoria de seu desempenho escolar, engendrando atos de currículo, mediados por dispositivos materiais e intelectuais.

As tecnologias digitais aproximam diversos ‘*espaçotempos*’, permitindo o exercício da interatividade e a colaboração, por meio da mediação pautada no diálogo, que envolveu afetividade, sensibilidade, intuição e intencionalidade. Táticas e práticas que favoreceram a realização de diferentes eventos de letramento, envolvendo múltiplas linguagens, diferentes recursos para desenvolver o letramento escolar, digital, político e buscar o crítico, portanto multiletramentos.

Considerando o papel fundamental que as tecnologias e as mídias digitais desempenham na contemporaneidade, os cotidianos escolares da EJA constituem um lugar propício para o desenvolvimento desses letramentos, mediante a articulação do conhecimento, da percepção da imaginação, da vivência de experiências, valorizando a diversidade e a pluralidade de pontos de vista e de modos de ver e sentir o mundo.

Sob essa ótica, os praticantes como coautores do processo de ‘*aprendizagem ensino*’, autorizaram-se e compartilharam suas experiências e anseios, desconstruindo a percepção de que as diretrizes do caminhar devem ser determinadas, única e exclusivamente, pelo docente.

O uso do *smartphone* e do *WhatsApp*, no contexto da EJA, constituiu um desafio, devido às especificidades da modalidade (etária, social, cultural, econômica, entre outras), que luta contra o pensamento estigmatizado voltado para esses alunos. Estimularam experiências formacionais atribuindo sentido e criticidade ao que era desenvolvido. Apropriando-se, inventando e produzindo significados, favore-

cendo a abordagem de alguns dos fenômenos que emergiram desse contexto.

Considerando que as tecnologias digitais fazem parte de nossos cotidianos, utilizar o aplicativo *WhatsApp*, no contexto da EJA é reconhecer sua popularidade e acessibilidade, especialmente, facilidade de uso, bem como experimentar outros modos de ‘*aprenderensinar*’, considerar a utilização da tecnologia é respeitar a singularidade dos praticantes.

Apesar das dificuldades apontadas, e socialmente existentes, com o uso das tecnologias digitais na Educação de Jovens e Adultos, não há como ignorá-las, dado que esses praticantes necessitam entender seus mecanismos de funcionamento para responder às necessidades de uma sociedade informatizada, ações que devem estar ancoradas em propostas pedagógicas consistentes visando os processos formativos na modalidade.

Refletimos sobre a importância de ressignificar a prática docente, para que de forma ativa, possamos reivindicar formas de atualizar nosso conhecimento, nossa prática, para que consigamos mediar a aprendizagem dos nossos alunos, periféricos ou não, inseridos no contexto cibercultural.

Ponderamos sobre como estamos mediando a relação entre os praticantes da EJA, e a tecnologia digital, de forma que sua participação no ciberespaço reflita um pensamento crítico acerca do seu papel social com o desenvolvimento de letramentos digitais, ampliando as trocas, buscando uma efetiva inclusão e empoderamento desses alunos.

Durante o desenvolvimento do estudo apresentado, buscamos levar os praticantes a perceberem a importância do seu papel no processo, reconhecerem as possibilidades da inclusão de novos dispositivos de aprendizagem, a compreensão da riqueza de vivenciar novas e potentes experiências.

Valorizamos o movimento de fomentar discussões que propiciem políticas públicas que viabilizem a formação continuada e atualização docente. Que direcionam o olhar às necessi-

dades e flexibilidades oportunizadas com as tecnologias digitais em rede como aliada dos processos formativos, com a potência da Educação Online.

Com isso, reforçamos a necessidade de atentar para as novas sociabilidades que estão sendo construídas a partir deste movimento de apropriação do digital em rede, bem como atentar para sua relação com o contexto cibercultural que segue se modificando em um fluxo ininterrupto, influenciando nas relações, na formação ‘*docentediscente*’ e atualização de práticas pedagógicas, para que assim tenhamos condições de explorar as melhores possibilidades na Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Nívea.; CALDAS, Alessandra. ALVES. Nilda. **Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos após muitas ‘conversas’ acerca deles.** In: OLIVEIRA, Inês. B.; PEIXOTO, Leonardo. F.; SUSSEKIND, Maria. L. (Orgs). Estudos do cotidiano, currículo e formação docente. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-45
- COSSON, Rildo. **Letramento político no legislativo: a experiência do Programa Estágio Visita.** 2015. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 50.ed. São Paulo: Cortez, 2009
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes de configuração à prática de educação.** 5a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2015.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia. O cotidiano do professor.** Tradução Adriana Lopez. Revisão técnica Lólio Lorenzo de Oliveira. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1986.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. **Leitores, espectadores e internautas.** Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- GARCIA CANCLINI, Nestor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade.** 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.
- LEMKE, Jay L. **Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. Trabalhos em Linguística Aplicada,** 49, n.2, 455-479, 2016.

Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8645275>. Acesso em 06 setembro. 2022

LEMOS, André. **Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MACEDO, Roberto S. **Multirreferencialidade: o pensar de Jacques Ardoino em perspectiva e a problemática da formação**. In: MACEDO, Roberto S.; BARBOSA, Joaquim; BORBA, Sérgio. **Jacques Ardoino & a educação** (Orgs). Belo Horizonte: Autêntica, p.15-38, 2012.

MACEDO, Roberto S. **A pesquisa como heurística, ato de currículo e formação universitária – Experiências transsingulares com o método em ciências da educação**. 1ª ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

PINEAU, Gaston. **A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação**. In:

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988, p. 65-77

PRETTO, Nelson. **Formação de professores, educação online e democratização do acesso às redes. Congresso Virtual UFBA**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UD0KrPkHBiY&t=117s>. Acesso em out. 2020.

ROJO, Roxane. (Org.). **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, Roxane. **Língua Portuguesa. 2. Ensino Fundamental**. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. IV, 2009.

NÓVOA, Antônio. Seção Temática: **Resistências e (Re) existências em espaços sociais em tempos de neo-conservadorismos**. Edu. Real. 44 (3). 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DfM3JL685vPJryp4BSqyPZt/> Acesso em setembro 2022.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimentus. 2003

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

AUTOR. **Atos de currículo com o WhatsApp: o digital da Educação de Jovens e Adultos**. Dissertação de mestrado. PPGCEC. UERJ. Disponível em <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/10089>.

AUTOR. **Inventividades cotidianas e táticas docentes em tempos de Pandemia: Formação em Ato**. DOI: 10.29327/542849.1-13 Disponível em <https://www.semanticscholar.org/paper/Inventividades-Cotidianas-e-T%C3%A1ticas-Docentes-em-de-Santana-Seixas/739eed8a97ca3499a1f9c-3f9024e0f460410a76a> Acesso em setembro 2022.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura – Teresina: EDUFPI, 2019**. Disponível em http://www.edmeasantos.pro.br/assets/livros/Livro%20PESQUISA-FORMA%C3%87%-C3%83O%20NA%20CIBERCULTURA_E-BOOK.pdf Acesso em setembro 2022.

SANTOS, Rosemary. **Formação de Formadores e Educação Superior na Cibercultura: itinerâncias de grupos de pesquisa no facebook**. 2015. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, Marco. **Festival do Conhecimento. UFRJ** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jZAeMvKJyiY&feature=youtu.be>. Acesso em: 4 out. 2020.

SOARES, Conceição; SANTOS, Edméa. **Artefatos tecnoculturais nos processos pedagógicos: Usos e implicações para os currículos**. In: ALVES, Nilda. LIBÂNIO, José Carlos. **Temas de Pedagogia: diálogos entre didática e currículo**. São Paulo; Cortez, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

WEBER, Aline; SANTOS, Edméa; CRUZ, Mara M. da. **Letramentos e alfabetizações na cibercultura: crianças e jovens em rede, desafios para educação**. Disponível em <https://bit.ly/3mWmxxG>

*Recebido em: 29/10/2022
Aprovado em: 17/11/2022*